

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Uma reflexão sobre a didática do ensino\aprendizagem de história nas salas de aula de rede pública.

ANA CARLA DE MEDEIROS TRINDADE*

BRENDA SOARES SILVA*

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão acerca das intervenções\aulas realizadas por meio das atividades do PIBID na Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel onde os conteúdos abordados\explanados foram; Cultura Romana, no 6º ano e Período Militar, 9º ano. Partindo desse pressuposto buscaremos concluir até onde pode ser colocado em prática as novas metodologias do ensino\aprendizagem de história nas salas de aulas de rede pública. Usaremos como base teórica alguns especialistas da área de ensino de história como Maria Auxiliadora Schmidt, Circe Bittercourt, Alarcon Agra do Ó, Selva Guimarães Fonseca, assim como, os Parâmetros Curriculares.

Palavras-chave: Ensino de História- Conceitos- Práticas Metodológicas.

* Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licenciando (a) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

* Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) e Licenciando (a) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO:

Durante as aulas da graduação cursamos diversos componentes curriculares que são fundamentais, no processo do ensino\aprendizagem de História. Aprendemos sobre conceitos didáticos; ficamos atualizados com as novas metodologias e estudamos historiadores especialistas da área de ensino de História, como: Maria Auxiliadora Schmidt, Circe Bittercourt, Alarcon Agra do Ó, Selva Guimarães Fonseca, dentre outros.

Por fim, somos encaminhados para colocar em prática tudo o que foi adquirido no decorrer dessas disciplinas. Mas até onde conseguimos pôr em prática tais procedimentos? Quais os limites e aberturas que a rede pública de ensino nos possibilita? Para responder estes questionamentos, que inquietam a maioria dos licenciados, usaremos de duas intervenções\aulas aplicadas por meio das atividades do PIBID na Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel, localizada em Caicó – RN. A partir dessa experiência faremos uma breve conclusão de como caminha a prática das novas metodologias do ensino\aprendizagem de História, assim como, nossas experiências, comparadas com os conceitos adquiridos na universidade.

Há um difícil diálogo entre a história “acadêmica” e a história “ensinada”, nas intervenções propostas, tentamos fazer com que houvesse este diálogo. De acordo com Alarcon Agra do Ó, as relações entre academia e escola básica são pontuadas por fortes tensões mútuas, desacordos e incompreensões de ambos os lados. (ALARCON, 2002:158-159) Contudo nossa intenção é a aproximação destes dois campos.

Objetivamos por meio dessas intervenções, responder nossos inquietamentos acerca da prática do ensino de história nas salas de aula de rede pública de ensino. Aplicamos nossas metodologias em duas turmas de temporalidades e diagnósticos diferentes, sendo uma turma do 6º e outra do 9º ano, baseado nisto planejamos nossas aulas, tentando atender os déficits particulares de cada turma, o que nos possibilitou identificarmos até que ponto é possível colocar em prática os ensinamentos da universidade.

Nas intervenções utilizamos preceitos da Didática da História, exploração do livro de didático, imagens, músicas entre outras fontes documentais, que possibilitaram maior visão dos alunos acerca dos conteúdos discutidos durante as aulas. Assim, tentamos manter um diálogo com os mesmos, considerando que tais procedimentos são de fundamental importância para o bom desenvolvimento educacional\intelectual do indivíduo. Nossos

planejamentos tiveram como base um diagnóstico feito com os estudantes, e as análises produzidas através das observações feitas em vinte e quatro aulas de História e de Cultura, ministradas pelo professor da disciplina e supervisor do PIBID de História, por meio disto foi possível notar alguns déficits dos educandos em relação ao conhecimento das disciplinas, que foram de grande relevância no desenvolver do nosso trabalho.

DAS INQUIETAÇÕES:

Através do projeto de iniciação à docência da área de História (PIBID), objetivamos compreender e responder, por meio das intervenções realizadas nas salas de aula de rede pública de ensino, alguns questionamentos bastante frequentes na mente de muitos dos licenciados; como: colocar em prática as teorias metodológicas estudadas na universidade? Quais os limites e aberturas que a rede pública de ensino nos possibilitou? O presente artigo resultou das intervenções aplicadas nas salas de aula de história por meio das atividades do PIBID, nas turmas do 6º e 9º anos do ensino fundamental, da Escola Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel, localizada na cidade de Caicó-RN.

Várias dúvidas fizeram-se presentes nos momentos de planejamento, conseguiremos fazer com que os alunos construam uma visão\opinião crítica da História, na qual se colocará como sujeito participante? Será possível colocar em prática as teorias adquiridas na universidade? Schmidt afirma que “Ensinar História passa a ser, então dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHIMIDT, 1996:118). Pensando nessa reflexão fizemos todo o planejamento de nossas intervenções, que foram aplicadas em duas das séries do ensino fundamental, sendo elas o 6º ano e duas turmas de 9º ano. A proposta do PIBID é um ensino de história inovador e transversal, ou seja, uma aula dinâmica que acrescente, adicione elementos especiais no aprender e fazer história, as intervenções propõem que os alunos produzam, interajam, percebendo-se assim como sujeito e não como objeto passivo.

Por meio das vinte e quatro observações, cujo objetivo era realizar um diagnóstico dos perfis dos alunos, identificamos alguns de seus déficits no aprendizado dos mesmos, deste modo tentamos levar metodologias que nos auxiliassem a transmitir uma nova visão de história para o ambiente escolar, na tentativa de desconstruir os pré-conceitos enraizados em seus pensamentos.

De modo geral as metodologias se deram por meio de aulas dialogadas nas quais buscamos saber quais os conhecimentos prévios dos alunos, sobretudo, procuramos indagar o que era história para eles, bem como a sua importância na construção da cidadania. Assim seguindo as propostas dos PCNs quando nos diz:

“O processo de ensino e de aprendizagem, os professores devem considerar a importância de investigar o que é de domínio dos alunos e quais são as suas hipóteses explicativas para os temas estudados [...]”.(PCNs, Hist., 1998, p.53)

Sabemos que para a aula ter um bom resultado o aluno precisa participar da construção do conhecimento, no qual seus saberes são fundamentais nesta construção, assim concordamos com Veiga quando este defende:

[...] A aula é constituída de um sistema complexo de significados, de relações e de intercâmbios que ocorrem num cenário social que define as demandas da aprendizagem [...]. Para isso [...] temos que estar dispostos a questionar nossos próprios saberes. (VEIGA, 2008. P. 269).

DAS INTERVENÇÕES DO 6º ANO:

A primeira intervenção foi feita no 6ºano, tendo como tema Cultura Romana, optamos por expor slides, estes produzidos na intenção de nos auxiliar no diálogo com o aluno, bem como as visualizações das imagens, haja vista que as mesmas são de suma importância na memorização dos conhecimentos. Trabalhamos com a problematização de tópicos, ‘escola e as artes’, por meio de imagens, destacando as modificações e permanências entre as duas sociedades, a romana e a dos alunos, para desta forma fazer com que os mesmos percebam a importância de se estudar Roma, possibilitando a identificação com a sociedade estudada e desta forma perceber a necessidade de compreendê-la.

Como já foi dito a priori, nosso planejamento teve como base o diagnóstico feito nas salas de aula, este, nos possibilitou adaptar os conteúdos a faixa etária trabalhada. Partindo daí buscamos questionar os alunos acerca de alguns conceitos, como: cultura, sociedade (...) que são fundamentais na introdução e compreensão do conteúdo, em seguida indagamos os mesmos sobre a importância da arte na cultura romana, no qual expomos diversas imagens de esculturas e pinturas, por meio de slides, que por sua vez prenderam a atenção dos estudantes, e estes quando questionados sobre a representatividade das imagens, muitos as identificaram

com o desenho animado 'Hércules', isto nos proporcionou um diálogo divertido do qual aproximamos os assuntos, neste caso arte romana, ao meio social do aluno.

Para finalizar a aula, passamos uma pequena atividade na qual eles puderam expressar sua opinião acerca da explanação dos conteúdos dando ênfase, no que mais os chamou a atenção. O resultado foi bastante significativo, visto que apesar de não valer pontos, eles escreveram e destacaram o que consideraram mais marcantes; possibilitando-nos responder uma de nossas inquietações, que era saber se iríamos fazer com que estes fizessem parte da construção do saber, colocando-se como sujeito; o resultado sendo satisfatório. Assim atendemos as propostas de Fonseca, que idealiza a construção do saber através de problematizações em que o aluno e o professor são parte da construção:

“A proposta de valorização de metodologia do ensino de história que valoriza a problemática, a análise e a crítica da realidade concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula” (FONSECA, 2003. P.94).

DAS INTERVENÇÕES DO 9º ANO:

No 9ºano foi possível realizarmos uma aula bem dinâmica, onde os alunos participaram e se empolgaram bastante na discussão, iniciamos nossa intervenção indagando o que é história; partindo desse pressuposto buscamos dar início ao diálogo, bem como a exploração dos conhecimentos prévios dos alunos. O assunto trabalhado foi o “período militar brasileiro”, apresentamos de início o conteúdo por meio de slides, estes continham imagens e um layout bastante chamativos\interessantes o que atraiu a atenção dos alunos, que já ao primeiro olhar sentiram-se convidados a assistir à aula, não somente assistir, mas participar, por meio de perguntas ou de comentários. Focamos também na música para desenvolver a narrativa histórica desse momento, utilizamos para isso artistas marcantes no período com suas interpretações e letras: Chico Buarque, Geraldo Vandré, entre outros, enfatizando que a história pode ser estudada de diversas maneiras.

Seguindo Schmidt quando esta nos diz:

“Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, transformar, em cada aula de historia temas em problemáticas. [...] A problematização histórica, ao ser transposta para o ensino, traz múltiplas possibilidades também questionamentos. [...] Nesse caso o problematização é um procedimento fundamental para a educação histórica.” (SCHIMIDT, 1988, p. 54-60)

Seguindo a proposta de Schmidt, buscamos problematizar a questão das torturas, onde idealizamos enfatizar as punições sofridas por aqueles que eram contra o sistema ditatorial, ressaltando a importância da participação popular, como o ME (Movimento Estudantil), os sindicatos e os artistas, deste modo os alunos perceberam que estudantes como eles, ou um pouco mais velhos, estavam engajados em protestos em prol da mudança do sistema no país, esta parte foi crucial na aula, visto que aqui os educandos se identificaram com o conteúdo, principalmente quando fizemos uma ligação passado\presente salientando a existência de uma comissão responsável por investigar os cidadãos punidos durante o momento estudado, a 'Comissão da Verdade'. Instigamos o aprofundamento do conteúdo incentivando os mesmos a procurar páginas nas redes sociais, sobre essa questão, chegando a indicar alguns links.

Ao fim da intervenção aplicamos a música 'Cálice' de Chico Buarque, para análise dissertativa, visto como uma forma de identificarmos o que e o quanto, do conteúdo explanado ficou fixado nos alunos, como também a importância de se estudar tal período na compreensão do seu presente, uma vez que esta foi uma forma de ver os limites e aberturas que a rede pública de ensino nos possibilitou colocar em prática.

CONCLUSÃO:

Podemos concluir que alcançamos um resultado satisfatório no qual colocamos em prática todas as nossas propostas, principalmente nosso diálogo com o aluno, no qual este se manteve presente durante toda a construção/explanação dos conteúdos se pondo como sujeito, uma vez que se identificou com os assuntos abordados, um exemplo foi o reconhecimento deles com o ME (Movimento Estudantil), no caso do 9ºano; e o das esculturas romanas, no 6ºano, que por vezes foram comparadas ao desenho animado 'Hércules'. Podemos provar esse resultado, com os produtos gerados pelos alunos, uma vez que em sua maioria, afirmaram a importância de se estudar a história na compreensão do seu cotidiano e o meio social no qual está inserido.

Assim chegamos ao resultado de que é possível sim colocar o planejado e as novas propostas metodológicas adquiridas na universidade em prática nas salas de aula da rede pública, porém esse processo necessita de tempo e dedicação, uma realidade bem distante da maioria dos professores que por vezes tem o dia-a-dia cansativo, assim como o tempo de trabalho acaba por gerar um cansaço físico e mental, acarretando stress no seu cotidiano, deixando o mesmo sem tempo de planejar suas aulas. Em suma, nossas intervenções

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

responderam as inquietações sobre a prática do ensino\aprendizagem de História nas salas de aula de rede pública, que é possível sim, colocar em prática novas metodologias de ensino\aprendizagem, bem como uma nova historiografia na sala de aula, contudo isso precisa ser bem planejado e ter como base a realidade do meio social em que está inserido o aluno e seu ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Agra Do Ó, Alarcon. Ensaçando um diálogo: história “acadêmica” e história “ensinada”.

In:_____. Saeculum – Revista de História – Nº 8/9 – jan / dez / 2002 – 2003

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes.. Livros didáticos entre textos e imagens. In:

_____. **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-89..

Bittencourt, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.(coleção docência em formação. Série ensino fundamental/coordenação Antonio Joaquim Severo, Selva Garrido Pimenta).

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. In_____. História./ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. P.05-64.

CARDOSO, Oldimar. Para uma Definição de Didática da História. In:_____. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, V 28, nº 55, p.153-170, 2008.

CERRI, Luiz Fernando. Saberes históricos diante da avaliação do ensino: notas sobre os conteúdos de história nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, p.229. 2004.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh>. Acesso dia 15\04\2013, as 18:30min.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

FONSECA, Selva Guimarães. “O ensino de história e a construção da cidadania”. In:_____.

Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados.

Campinas/SP: Papyrus, 2003.

NETO, José Alves de Freitas. “A Transversalidade e a renovação, no ensino de História.” In.

_____. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas/Leandro Karnal (org)-

5.ed.,2ºreimpressão-SP:Contexto

SCHMIDT, M^a Auxiliadora Moreira dos Santos. A Formação do Professor de História e o

Cotidiano da Sala de Aula: entre o embate, o dilaceramento e o fazer histórico. In:_____.

Anais II Encontro Perspectivas do Ensino de História. São Paulo: FEUSP, 1996.2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. “Organização Didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata”. In_____. Aluna: Gênese, dimensões, princípios e práticas. (org) – Campinas,

SP: Papyrus, 2008, -- (Coleção Magistério: Formação Pedagógica).